

UM OUTRO MACHADO: ESTRATÉGIAS DE NARRADOR-MISSIVISTA EM ONZE ANOS DE CORRESPONDÊNCIA

Maria Cristina Cardoso Ribas
UERJ/ Faperj/CNPq

Resumo: Este estudo é o desenvolvimento de pesquisa anteriormente realizada no Arquivo Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em fontes primárias, com ênfase na correspondência pessoal ativa e passiva de Machado com os amigos acadêmicos, durante os onze anos em que esteve na presidência. Propõe-se demonstrar a hipótese de que Machado é um narrador ardiloso e estrategista discursivo mesmo na sua persona missivista.

Palavras-chave: Machado de Assis; Discurso epistolar; Academia Brasileira de Letras;. Missivista & Narrador

Abstract: This study is the development of research previously carried out in the Machado de Assis Archive of The Brazilian Academy of Letters, in primary sources, with emphasis on Machado's correspondence with his colleagues, during the time he was the president. This work aims to demonstrate that Machado is an artful narrator and discursive strategist even in his letter-writing persona.

Keywords: Machado de Assis; Epistolar discourse; Brazilian Academy of Letters; Letter-writer and Narrator.

Introdução

O presente trabalho representa um desenvolvimento da pesquisa realizada, há mais de uma década, no Arquivo Machado de Assis do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras. Esse espaço institucional, ao despertar do isolamento forçado pela pandemia de Covid-19, experienciou, como todos nós, as interferências desse pós-fim. A presença de Machado de Assis na ABL, instituição que ajudou a fundar e em que

atuou na presidência por onze anos, mantém viva a sua presença de escritor, hoje com 183 anos de nascimento.

Sobre o Centro de Memória da ABL, todos sabem que é um espaço com a finalidade de recolher, guardar e preservar acervos arquivísticos e museológicos relacionados à história da Academia, vida e obra dos acadêmicos e sócios correspondentes. A partir de 1998 passou a fazer parte integrante da instituição que, com uma área de aproximadamente 400m², busca oferecer condições adequadas de funcionamento e consulta a seu acervo com recursos tecnológicos. O patrimônio cultural do país é catalogado em arquivos específicos. Um destes arquivos é o referente a Machado de Assis, cuja documentação original, constituída majoritariamente de manuscritos, abre um leque de possibilidades interpretativas sobre os múltiplos perfis de Machado e permite reconhecer o foco oblíquo com que o escritor carioca radiografa o corpo – e a alma – da sociedade carioca do século XIX em sua passagem para o XX.

Ao falar sobre os múltiplos Machados, referimo-nos a várias ordens que incluem seu projeto literário, seu convívio e atuação entre os pares e os ímpares, além da própria constituição humana de observador atento à sua época. Hélio de Seixas Guimarães (2022)¹ nos lembra que “o quebra-cabeça legado pelo escritor continua a ser montado”, e adiante nos lembra que “Machado utilizou mais de oitenta assinaturas diferentes em algo como 2 mil textos atribuídos a ele”. A simples variedade de assinaturas de Machado pode levar à indagação em torno de qual seria a ‘verdadeira’, quem de fato seria Machado e por que a multiplicação de rubricas e nomes, levando-nos a lidar com a resposta entre o acaso e a estratégia, entre o modismo e o jogo, entre ser e não ser. Acrescento, aqui, a pesquisa desenvolvida em 2019 pela Faculdade Zumbi dos Palmares, no Ceará, que trouxe à cena a figura emblemática de Machado em sua real configuração étnica, o que mais recentemente contribuiu para uma sensibilidade nova e discordante dos paradigmas que elidem a ascendência e camuflam a imagem do escritor.

Mesmo com todo este entendimento do perfil multifacetado de um escritor que parece ter provocado uma dobra em si mesmo e no interior da própria obra – não se instalando confortavelmente nas escolas romântica e realista –, ainda assim circula um

¹ Disponível em:

<https://quatrocinco.um.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/quem-e-machado-de-assis>

status machadiano como alguém em plena posse de si, acima do bem e do mal e tido como absenteísta político avesso à polêmica.

Quanto tive a oportunidade de conhecer os documentos do Arquivo Machado de Assis, à época não digitalizados, eu me defrontei com um Machado que não conhecia. O exame dos manuscritos neste Arquivo foi feito por mim de um a um. Para preservação dos documentos diante do contato físico e dos riscos da degradação do tempo, o manuseio e a leitura foram realizados com o uso de luvas e lupa, numa temperatura ambiente em torno de 15°C. Todo este material não digitalizado já tinha passado pelo processo de desinfecção. Algum material disperso – bilhetes, folhetos, cartões de visita, postais, – apresentava-se em parte manuscrito, em parte datilografado por amigos do autor que os cederam à ABL. Já a documentação institucional, – referimo-nos às Atas das reuniões da ABL durante os onze anos em que Machado esteve na presidência e também às anteriores, das chamadas Reuniões Preparatórias –, encontravam-se digitalizadas; o que, como expliquei, não era o caso da correspondência. Examinei o vasto acervo do Centro de Memória e também o do Petit Trianon².

Após ter examinado estes acervos que incluíam um material disperso, decidi voltar a atenção mais especificamente para a correspondência ativa e passiva de Machado com os outros acadêmicos e que correspondia a um vasto conjunto de cartas manuscritas durante os onze anos em que esteve na presidência da ABL.

Estes acadêmicos eram amigos de Machado e sinalizavam o círculo em que ele transitava em sua vida pública: diplomatas, juristas, escritores, políticos. Refiro-me a Magalhães de Azeredo, Salvador de Mendonça, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Mario de Alencar, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Rui Barbosa, João Ribeiro, Lucio de Mendonça. A correspondência analisada, portanto, transitava na elite intelectual e social do Rio de Janeiro do século XIX.

Pacientemente fui recolhendo, analisando e fichando os papéis “avulsos” de Machado, aqueles recebidos pelos acadêmicos e assinados por ele, todos guardados, colecionados e rigorosamente conservados no Arquivo.

² Em 1923, o governo francês doou à Academia Brasileira de Letras um prédio, réplica do Petit Trianon de Versailles, (Luís XV, séc. XVIII) construído no ano anterior para abrigar o pavilhão da França na Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro. Junto à entrada, no jardim, encontra-se um dos mais conhecidos símbolos da Casa, a escultura em bronze de Machado de Assis, de autoria de Humberto Bartholomeu Cozzo (1900-1981).

Estava lidando com fontes primárias e a pesquisadora acadêmica, em vários momentos, cedeu espaço à leitora fascinada por esta aproximação até então incomum. O primeiro e intensivo contato com o Arquivo foi inesquecível: o fato de ter em mãos folhas de papel amareladas pelo tempo, a materialidade do traço, manuscritos históricos semidesfeitos foi absolutamente emocionante. Naquele momento eu tinha nas mãos as cartas escritas por Machado de Assis, o homem que, conforme era conhecido, foi descendente de escravos, morou no Morro do Livramento e não frequentou escola – mas que, durante o Império no Brasil, até a República e sendo mulato e doente, dentro de um sistema patriarcal racista e excludente, construiu uma vida intelectual e literária especialíssima, com livre trânsito e reconhecido status social.

Esta experiência do contato com os manuscritos é algo que um estudioso de literatura e *cousas* humanas busca experimentar. Em termos de contribuição para os estudos machadianos, vale dizer que todos os documentos analisados no arquivo nos levaram a compor, no diálogo com a produção crítica e ficcional machadiana, uma revisão dos procedimentos do escritor, da obra e do homem. A partir do que li, pensei sobre as novas *personae* machadianas e uma delas me dizia que Machado era um narrador ardiloso e estrategista discursivo, inclusive na sua ‘performance’ de missivista. Veremos adiante, como cheguei a esta constatação.

2 A leitura das cartas – outros Machados

O exame das cartas partiu de uma abordagem integrada à produção literária, poética, ensaística, cronística e crítica do autor, articulação que muitas vezes preencheu, via de mão dupla, vazios lacunares na interpretação de sua correspondência.

No discurso epistolar, o velho e ao mesmo tempo novo Machado não se desprende das outras práticas de escrita nem das *personae* a que me referi como ‘outros machados’ nesta seção. Ao mesmo tempo, a correspondência apresenta incompletude, não tendo origem nem fim em si mesma. Neste sentido, vale destacar uma observação da historiadora brasileira Ângela de Castro Gomes, quando afirma que “A correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização [...] em dinâmica inconclusa.” (GOMES, 2004: 21) E, acrescento, nem a letra é marca definitiva, porque

a distância temporal também interfere na preservação da materialidade do traço, do suporte, da legibilidade da escrita.

Ao primeiro olhar, a letra de Machado é fina, o talhe elegante. Mas olhar outra vez significa perceber a instabilidade do traço: ora nítida, ora trêmula, chegava a esgarçar-se nos momentos de crise existencial e moléstia física. Cada risco parece acompanhar a pena do missivista, quando aquele ponto-instante da carta coincide com relato de moléstia, com estar acometido de algum mal. A impregnação da letra machadiana por estados reiterados de angústia, dor e sofrimento me indicou dolorosas perdas do domínio de si em muitos momentos. E esta ocorrência representou o *start* para eu reavaliar a abordagem em curso.

Percebi que eu estava atuando como caixa de ressonância das expectativas do público-leitor e de um certo *voyeurismo* bastante comum da crítica, quando pretende adentrar na intimidade de um escritor. E, para minha surpresa, justamente por eu me perceber com expectativas de “descoberta”, uma grande frustração tomou conta de mim. Na leitura minuciosa das cartas, não tinha encontrado revelações íntimas, fofocas, maledicências. Expectativa programada, não encontrei nada. Nada por que um olhar ‘voyeur’ pudesse se interessar.

Então lembrei-me de um conhecido trecho de Esaú e Jacó: “O salto é grande, mas o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima do invisível é a mais sutil obra desse mundo, e acaso do outro. (ASSIS, CLII.1979:706)

Este ‘nada’ resultante da minha frustração na leitura, fez-me operar uma revisão em várias direções, circunscritas à troca de cartas escritas à mão nos Oitocentos, o que já começa pelo modo de envio. Em termos de tempo cronológico, estamos falando do século XIX no Rio de Janeiro, quando uma carta enviada do país para o exterior, ia de vapor, o que durava cerca de três meses, dependendo do país ou região. O destinatário já a recebia fora de contexto, embora já contasse com este *delay*. A resposta demorava mais três meses para chegar... ou seja, quando a resposta retornava às mãos do primeiro emissor, as informações já não correspondiam às demandas do momento. E mesmo considerando essa longa duração de tempo para a correspondência com a Europa, Machado e os amigos escreviam muito. E o mais curioso: escreviam ao outro o que esse outro já sabia ou esperava ler.

Então, por que o missivista contaria o que o destinatário já sabe? E, na contramão, qual seria o interesse do destinatário em ler o já sabido? Aparentemente nenhum... a menos que este leitor imprimisse um valor especial a quem estivesse assinando aquelas palavras, valor atribuído em nível pessoal, mas decorrente da projeção socialmente estabelecida. Esta hipótese quase óbvia, porém, reduziria o interesse dos destinatários a um viés menos interessado e mais interesseiro, simplesmente por estar se correspondendo com o Sr. Machado de Assis. Mas em que aspecto tal constatação seria útil para os nossos estudos na leitura dessas cartas?

Os impasses da pesquisa promovem desconforto; mas, sem eles, a análise não progride. Fui compreendendo que ler tais cartas não deveria valer apenas pela busca ou confirmação dos dados reveladores sobre a personalidade literária de Machado, nem por eventuais novidades da sociedade carioca na transição do século XIX para o XX. Estes dados – os quais não encontrei – eram fortemente aguardados pelo público-leitor e incluíam toda a sorte de expectativas desordenadas em nível pessoal, político, estético, social, conforme apresento a seguir.

3 Investigador de intimidades ou cúmplice do jogo

Em graus variados, estes dados tão aguardados iriam desde as frequências nos cafés, maledicências políticas, fofocas editoriais, notas de falecimentos, até bulas de remédio para checar drogas usadas; passariam pelas candidaturas às cadeiras vagas na Academia e possíveis candidatos; por “revelações” pessoais acerca da doença de Machado e de sua anunciada esterilidade; e mais: o boato de que Mario Alencar, filho do escritor José de Alencar, que assinava as cartas com a mesma caligrafia e iniciais de Machado, seria seu filho; a querela com o crítico sergipano Sílvio Romero e a desavença com o escritor português Eça de Queirós; curiosidades que chegariam, inclusive, à crítica do caráter antipolemista de Machado, numa época em que a polêmica nos jornais e nas cartas chegava a ser decidida em duelo presencial, em nome da honorabilidade, com direito a espada, revólver, ferimento e morte; a todo esse conjunto de expectativas, ainda acrescento o estigma de absenteísmo político atribuído a Machado; enfim, uma série de especulações que ainda gravitam em torno da “personalidade” literária, tida como um verdadeiro “emblema” da elite cultural carioca nos oitocentos e alimentada

até os dias de hoje. As cartas analisadas somente tangenciavam ou passavam ao largo destas especulações.

Não que tais dados fossem desinteressantes, mas, conforme entendo, esse tipo de curiosidade costuma levar o olhar do pesquisador para questões de ordem pessoal e para a tentação de explicar a obra pela vida privada, o que, por um lado, é um facilitador; e, por outro, representa um equívoco teórico-metodológico que promove relação direta e contínua entre vida pessoal e produção literária, entre público e privado.

Nesta releitura da pesquisa, foi possível constatar que os textos das cartas tinham outro funcionamento e, se insistisse em desentranhar revelações da correspondência, não conseguiria. E justamente porque rastrear intimidades inconfessadas nas cartas é tarefa bastante dificultada pela própria escrita machadiana das cartas, que alude e elide o que deseja manter invisível. Machado segue, na correspondência, “Usando o conhecidíssimo artifício retórico da captação da benevolência, conforme explica Hélio S. Guimarães (2022: s.n.), Machado “construía um prólogo em que punha a nu a retórica dos prólogos — inclusive do seu próprio —, o que servia de preparação e amortização da pequena bomba que lançava em direção a tudo e a todos”. Embora o pesquisador esteja se referindo aos romances, o artifício retórico citado é estratégia discursiva do texto das cartas que, de certa forma, aproxima-se ao dos Prólogos e Advertências, em que Machado se dirige mais explicitamente ao leitor como se o “recado” não fizesse parte do romance. Nas cartas, a benevolência e o aconselhamento amortizam a acidez dos comentários, o jogo dos conchavos, alguma competitividade latente.

Por isso ressalto: o missivista habilidoso conhece a alma humana tanto quanto o efeito das palavras em seus leitores; tem, ainda, como adubo retórico, o extenso conhecimento vernacular, literário, filosófico; a escrita machadiana destas cartas se constitui em um espiral de redundâncias, no qual Machado estabelece o ponto de fuga do texto epistolar.

Exceto nos momentos de moléstia experienciada, ele, em suas armadilhas discursivas, como que ‘programa’ a inacessibilidade do destinatário e eventuais leitores a intimidades que não deseja compartilhar. Ao mesmo tempo, afirma pelo avesso, pelo viés das negativas. Vejamos este trecho de carta escrita em 1901:

Trecho 1

Não queria lamentar-me, seria amargo, seria talvez injusto, por que me sinto de uma tristeza enorme, obscura; se me perguntasse a causa, não lh'a saberia dizer ao certo. Eu a atribuo ao cansaço do organismo, à debilidade irritadiga dos nervos, que assim andam, mais ou menos, desde a influenza que tive no ano passado; tudo isso produz uma exacerbação da minha sensibilidade já naturalmente tão grande, tão caprichosa, tão estranha, e daí essa melancolia de que tenho quase remorso. O que procuro esconder dos meus, tão caros e tão bons para mim; mas nem sempre o consigo, porque sou fraco e inábil na dissimulação. E eis aí como pessoas felizes estragam a própria vida! Mas não é culpa minha, é culpa da natureza que assim me fez. *De algum modo se há de pagar o tributo indispensável à miséria humana.*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (20.VII.1901) (grifos nossos)

Mesmo considerando o sofrimento reiteradamente descrito e quando faz a combinação com o famoso capítulo CLX “Das negativas”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado missivista exacerba o teor trágico do seu cotidiano. E ao dizer que procura esconder a melancolia, mas não consegue porque “é fraco e inábil na dissimulação”, e ao culpar a natureza pela sua fragilidade física está partilhando um autoexame que pode representar tanto o que anuncia, quanto o seu avesso.

Trecho 2

A minha doença seria antes cansaço que outra coisa. Estou e continuo muito fatigado, e ultimamente, por isto ou aquilo, tenho tido algumas dores nevralgias na cabeça, mas não estão passando.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (29.V.1897)

Trecho 3

Esta carta não é longa. Escrevo-a com um acesso intermitente de nevralgia, talvez agravado pelo trabalho do gabinete, que é grande e longo. Já lhe disse esta última parte mais de uma vez. Não estranhe a repetição; é próprio da idade.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (21.II.1901)

Os anos se sucedem e o compartilhamento mútuo da doença se mantém. Um sofrimento eternizado na vida e na correspondência.

Por esta quase ausência de referências factuais significativas e no afã de buscar outros caminhos, a leitura da correspondência foi (se) construindo (por) outros vieses. Retomando o início: ainda que a letra de Machado na superfície material das cartas fosse visível e firmada por um missivista afetuoso e diplomático que parecia controlar muito bem seus relatos, ainda assim a prática usual de certa parte da crítica tem sido ignorar o

legível para dedicar-se a decifrações do improvável. Improvável por basear-se em boatos e impressões prévias que demandam confirmação do *déjà vu*.

Para não recair neste ciclo vicioso, importa levantar questões: por que rastrear confirmação de boatos que só confirmam expectativas prévias para deleite do leitor em seu previsível *voyeurismo*? Quais os paradigmas que mesclam crítica literária a um “lastro fofocal”? E por que ignorar o que é dito na superfície do texto, o que se apresenta trêmulo, borrado, incompleto, incompreensível, e também o que não é dito?

4 Os processos reiterados da escrita e seus efeitos

Começando pelo primeiro tópico, ou seja, a reincidência em chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo – mesmo quando expressa a degeneração progressiva do velho homem, entendi que esta imagem integra o perfil do homem ‘heroico’, com o qual Machado se inscreve na sociedade brasileira *afrancesada e helênica* do século XIX. Analogamente a Brás Cubas – não um autor defunto, mas um defunto autor —, se morre o homem, permanece o escritor. Ou, conforme a nossa leitura, se fenece o homem, permanece o missivista.

No caso de Machado, a doença foi constante companheira e, obviamente, o afeto das relações que cultivou a partir dela representava uma prática pedagógica como forma de preencher o vazio que o acometia.

Este caminho fica ainda mais significativo a partir dos relatos – recorrentes e consensuais – sobre o rosário de doenças que unia os missivistas numa confraria de queixosos contumazes. Embora tenhamos lido alguns autores da época sobre questões médicas e psiquiátricas³, neste ponto a nossa preocupação não é com o grau de veracidade dos males relatados, mas com a representação simbólica destes sintomas e com o efeito que poetas obtinham ao irmanar-se pela doença. Em se tratando de cartas, a doença instalada não é visível fisicamente, mas no relato. Todos falam de si, mas dificilmente veem fisicamente o corpo marcado pela dor. Trazemos aqui Roberto Corrêa, quando nos oferece a bela imagem do rosto como representação viva do sintoma narrado: “Do corpo, o rosto é o local privilegiado: papel branco onde se escrevem as

³ Phocion Serpa, H. Codet. *Psychiatrie*; Afranio Peixoto. *Medicinallegal*; Othon Costa. *Machado de Assis, Epilético* – estes textos encontram-se na Biblioteca do *Petit Trianon*.

sintomatizações; acentua-se aí seu significado metafísico de espelho da alma.” (SANTOS, 1999: 20)

Machado foi aquele que, por mais discrição que tivesse, não conseguia esconder plenamente o texto do seu próprio corpo. As dissimulações, redundâncias, negativas, silêncios são estratégias que a sua pena, não o seu corpo, consegue realizar. O físico, em decorrência da que chamava “natureza madrasta”, expunha, sem que pudesse controlar, a carga da sua dor.

Diferentemente de Dostoievski⁴, Flaubert, acometido da mesma doença, tinha, como Machado, “pudores de seu mal.” O horror de Machado pela sua *nevrose* é uma realidade presente na sua correspondência. Machado recusava-se a se revelar, intimamente, aos amigos, numa retração produzida pela sua psicologia. Seu amigo mais íntimo, apesar da diferença de idade, foi Mario de Alencar, segundo os médicos da época, um típico “nevrosado”. Em geral, Machado escondia sua doença. Certa vez, a um amigo, que indiscretamente lhe notara o embaraço da dicção no momento do discurso e posteriormente no jantar, problema ainda mais agravado pela gagueira, ele respondeu em carta:

A razão era estar com aftas, que me mortificavam e impediam de comer.

Carta de Machado a Lucio de Mendonça (11.VI.1900)

Sobre a sua doença, temos algumas informações específicas⁵, colhidas aos acervos da ABL. Miguel Couto foi o médico-assistente e, segundo o próprio Machado, o seu médico de alma, apoio incondicional na sua vida, conforme relata ao jovem amigo Mario, filho de José de Alencar:

Trecho 5

De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original, deixe-me chamar-lhe assim. Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça.

Carta de Machado a Mario de Alencar (21.I.1908.)

⁴ Segundo Othon Costa, Dostoievski declarava que homens são não desconfiavam do sentimento delicioso que dominava o epilético antes do ataque.

⁵ Othon. Machado de Assis, epilético. *Gazeta Policial*, 31 jul 1937.

Na época, não havia remédio para a epilepsia, sequer algum que minimizasse as crises de convulsão e os outros graves desdobramentos; além de amnésias e dores de cabeça, havia o que Machado chamava tísica mesentérica, grave infecção intestinal que debilitava todo o organismo. Othon Costa lembra-nos que este autodiagnóstico de Machado estava distante de uma exata figuração nosológica⁶, pois a “tísica mesentérica” não passava de mais uma simulação do “Psicólogo de Brás Cubas” (COSTA, 1937:9) para esconder a afecção intestinal, um dos sintomas viscerais da epilepsia.

Neste contexto difícil, a função do médico era cuidar da alma, como de fato fazia: reforçava a estima do doente, fazia-o sentir-se acompanhado e ainda o ensinava a reconhecer em si os sintomas da crise para que, quando ela estivesse se aproximando, pudesse tomar algumas medidas práticas, tais como: evitar sair à rua, manter-se em lugar adequado para não incorrer no risco das quedas, proteger a língua das mordeduras convulsivas e, sobretudo, a recuperar seu “equilíbrio de espírito” porque, durante as crises, havia apagamentos — que Machado chamava de brancos e vazios —, com perda de memória seguidas de intensas dores de cabeça.

Das notas sobre as crises de epilepsia⁷:

Trecho 6

4 de setembro

A ausência em casa do Garnier, onde bebi água e [...]me deu saís a cheirar. Era de tarde. Fizera-me sentar, e eu respondi em português, ao que ele me dizia em francês, saí, vim a casa, jantei, e saí para a estrada de ferro, onde me despedi do Lauro Müller, que ia a Minas. /.../ Conteí isso ao médico (Miguel Couto) , dizendo-lhe que mediará. Entre o fenômeno e a crise que tive no jornal, 22 dias.

17 de setembro

Caso da bacia, à noite (Ausência?)

Outra ausência a 18 de setembro.

9 de outubro

(Ao fim do jantar) Crise. Não me ficaram as dores de costume, mas fiquei sonolento e não saí.

Novembro

Noite 3 para 4 – Amanheci...Não sei se foi ausência ou crise. Crise não me pareceu, não me ficaram outros sinais.

⁶ Sintomas, quadro de sinais passíveis de serem lidos por outrem.

⁷ As notas foram tomadas por Machado sem a referência ao ano, mas há uma suposição: teriam sido feitas entre os meses de setembro de 1906 a janeiro de 1907, um ano antes da sua morte. Cf. MAGALHÃES JR., *Vida e obra de Machado de Assis*, Civilização Brasileira: INL/MEC, 1981, v.4, e também o Catálogo da Exposição do Centenário de Machado de Assis.

14 — Ausência.

15 (Noite) Sinais de crise, ao jantar boca amargosa e aquilo da...

Dezembro

4 — A tarde em casa, o sono antes do jantar, precedido do sintoma. Durante os outros dias leves incômodos nervos, menos intensos e duradouros, iguais aos que costume ter.

27 — (À tarde) Cochilo no bonde e vontade de dormir.

Janeiro

Noite de 6 para 7 — Crise

Noite de 14 (Jogando gamão ...) Ausência; pouco tempo, continuei o jogo sem me levantar, e com a memória de tudo.

31 — Ausência, escrevendo de manhã, sono. Voltei sentado e continuei a escrever, diferença apenas de algumas palavras escritas.

O amigo mais íntimo de Machado, pelo teor da correspondência, parece ter sido Mario de Alencar, com quem se identificava pelo amor à poesia e pela doença. Falando no filho de José de Alencar, lembramos que, ainda mais intensamente que Machado, o jovem Mario contava todos os pormenores de seu estado mórbido, que se estendia ao *spleen*, ao mal dos nervos, à visceral melancolia, enfim, ao que hoje equivaleria a estados depressivos crônicos.

A correspondência de Mario e Machado, “O regime de anotações diárias das mutações de humor e da saúde do corpo que estrutura as cartas-diário /.../” fornece a base da retórica narrativa do *Memorial de Aires*, ou melhor, o modelo para os ‘cadernos do conselheiro’...” (Werneck, 1996: 239)

Este romance é mais um exemplo, na produção machadiana, em que a matriz ficcional está envelopada, imprimindo ao romance uma formatação epistolar. O bruxo picota a narração e a recria numa outra ordem, “afastando o fantasma do sequestro de originais, convenção de verossimilhança ao gosto romântico”. (Werneck, 1996: 239) Nas cartas, ao falar com insistência de si mesmos, da sua doença, sem jamais nomeá-la, os poetas repetem a paixão ultrarromântica em seu conluio amor e morte – mas como efeito do cuidado de si, de chamar a atenção para o próprio corpo, para não serem esquecidos.

Trecho 7

A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias. (grifos nossos)

Carta de Machado a José Veríssimo (31.I.1904)

Trecho 8

O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes, delicados e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe, também doente sem médico.” (grifos nossos)

Carta de Machado a Mario de Alencar (8.II.1908)

Trecho 9

Eu, que tenho mais direito a *enfermidades*, não lhe digo senão que as vou espiando com olhos cansados. O muito trabalho destes últimos dias tem-me trazido alguns fenômenos nervosos. (grifos Nossos)

Carta de Machado a Mario de Alencar (21.I.1908)

Trecho 10

É preciso sacudir esses nervos despóticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para tais casos.

Carta de Machado a Mario de Alencar (23.IV.1908)

Nas cartas, o procedimento discursivo majoritário é trazer o foco para si, para o próprio corpo doente. Discorre sobre outros assuntos e volta o foco para si. A epilepsia jamais é nomeada enquanto tal, em decorrência do sentimento de autopreservação pessoal e do sentido profundamente negativo que o termo assumiu como herança dos séculos anteriores no imaginário ocidental, seja por ser vista como possessão diabólica, seja como insanidade mental. Vale observar que, no texto das cartas, a doença fica ainda mais agravada pela sua não referência explícita. Há um pacto silencioso entre os missivistas em esconder o nome terrível.

Os correspondentes seguem a mesma prática. Observamos uma singularidade no caso de Azeredo, quando, em determinada carta, ele declara a vontade de cura:

Trecho 11

/.../por minha parte, passei todo este tempo sem lhe escrever mais, porque estive bastante doente, ainda que não de cama; a dispepsia nervosa agravou-se-me, em consequência talvez do trabalho a que me entreguei desde a minha chegada/.../ [o médico] acabou por impor-me absoluto repouso intelectual e grande exercício físico. Eu sujeitei-me sem resistência, por que compreendi afinal quanto a saúde é necessária para realizar o meu plano de vida.

Carta de Magalhães de Azeredo para Machado⁸ (2.III.1895)

Em carta de 2.IV.1895, também ao amigo Magalhães de Azeredo, Machado fala da dispepsia nervosa e cita que padeceu de uma retinite – inflamação nas retinas –, motivo pelo qual ficou proibido de ler durante longas semanas, relatando que foi a mulher Carolina quem lia para ele e acabou ficando como secretária, pois lhe ditou a maior parte de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ao relatar uns aos outros, enfaticamente, as dores e males vividos, os amigos missivistas buscavam apoio mútuo, similaridades, vivências em comum – dentro de regras tacitamente estabelecidas. *Não* falar em política, *não* polemizar, *não* discutir a esterilidade, *não* expor a vida íntima.... Então, resta estrategicamente *repetir* o que seus interlocutores/destinatários esperam ouvir. Negação e redundância tornam-se práticas discursivas subjacentes na obliquidade do discurso.

O apoio epistolar traduz-se, por um lado, em acordos tácitos acerca da escritura, por outro, em demonstrações verbais de afeto, unindo os missivistas numa confraria de artistas sofredores. É este amálgama afetivo que os vincula e lhes suaviza as dores, preenche o vazio existencial, ao mesmo tempo em que constitui aliança sócio-política.

A frequência das cartas, o vínculo entre os poetas, a ideia compartilhada de salvação pelas musas, tudo compõe uma ode à permanência e representa uma forte compensação do sujeito que cuida de si; de um círculo de sujeitos que, simultaneamente à experiência da própria finitude precipitada pela doença constante, alimentam-se da própria dor para continuarem presentes elite intelectual dos oitocentos. Retomamos Maria Helena Werneck (1996: 141), quando diz: “O corpo ameaçado coloca em risco a produção artística, mas, em sentido contrário, pode nutrir-se da fraqueza para constituir sua soberania.”

Em 1895, Azeredo envia ao Mestre outra carta em que faz uma reflexão sobre o outro mal daquele século – o tédio, *l’ennui*, *spleen* – que atravessara o período romântico e que, na vida íntima dos missivistas em finais do século XIX, ainda os acometia a todos.

Trecho 12

... essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime e para tudo o inutiliza/.../ isso não pode ser senão doença, contra a qual vale mais a higiene que os medicamentos.

⁸ Esta carta foi escrita em Montevidéo.

Não se importe de não ser alegre; também eu não o sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal, a arte é um bom refúgio, perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna.

Carta de Magalhães de Azeredo a Machado (3.IX.1895)

Como previsto, o lugar deste corpo doente não deveria ser a esfera pública, mas o repouso, o quarto, a cama representando a diminuição e a recusa do contato com os espaços sociais mais amplos. Ora, sabemos que o enfermo fica confinado, privado da convivência com os outros, mesmo que o isolamento não seja do seu interesse. Ainda que o refúgio fosse na arte, nas musas, o que então causaria, primariamente, esta dor?

Roberto Corrêa explica a dor pela privação do afeto – herança romântica – e a relaciona ao olfato: “A carga de dor provocada pela cena afetiva impõe recusa à vida. A defesa e seus mecanismos são de natureza reativa: para não sofrer do afeto, sofre-se de fato do corpo – este é o modo que a memória escolhe para descarregar.” (SANTOS, 1999: 20-21)

Estou, agora, articulando o tópico doença, sofrimento e atenção sobre si à questão do afeto que consolidava os elos entre os missivistas. Esta intensa carga de sofrimento, no entanto, não é a causa absoluta da presença de doenças e afecções presentes nos textos do século XIX. Do ponto de vista dos valores e atitudes, a literatura ficcional do período tinha uma estreita relação com a sociedade que a inspirava. Este sofrido ‘estado d’alma’ encontra projeção na vida social do século XIX.

A diferença é que Machado representava o esforço do não confinamento que a enfermidade obriga. E, a despeito da doença, transitava, o máximo que podia, no espaço frequentado pela elite intelectual e política da sua época. A restrição espacial que infelizmente, segundo ele, não pôde ultrapassar foi a experiência das viagens. Machado jamais saiu do Rio de Janeiro. Vejamos a carta:

Trecho 13

.... o invejo de longe...Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos anos, e por outras razões não menos melancólicas, creio que irei deste mundo sem ver uma outra parte dele, que atraem os jovens do meu tempo e continuará a atrair os de hoje. Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a imortalidade de Shyloch e de Julieta e Romeu. Sei o que Byron ainda pôde achar nas águas do Lido e o que Stendhal contou de Milão, sem esquecer os versos de Musset e de tantos outros.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (25.IV.1897)

A exposição de todo este sofrimento – sem nomeá-lo – impele o destinatário a sentir compaixão e respeito pelo remetente. O comprazimento com a dor mescla-se ao afeto.

O traço presente na correspondência ativa e passiva são justamente as marcas de afetividade recíprocas entre os missivistas. Refiro-me às costumeiras formas de referir-se a si mesmo e ao destinatário ao longo das cartas e de se despedirem no seu fechamento, antes de assinar o nome. É um tratamento especial, mediante o uso de possessivos – “do sempre seu”, “todo seu” – e formas diminutivas dos nomes próprios – “Machadinho” –, tendo os especificadores – “compadre e amigo” – sempre abreviados.

Trecho 14

Conte-nos...o que sua alma de moço inspira... Cada idade tem a sua poesia, mas a mocidade é de si mesma a poesia. /.../ Disponha de mim, e não deixe de crer que lhe quero muito e muito. *Seu do coração*, Machado de Assis.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (2.III.1895) (grifos nossos)

A afetividade tão presente na correspondência é algo que ultrapassa este tratamento formal, mas representa o princípio de abertura, a permeabilidade necessária para que haja um intercâmbio entre as partes envolvidas. Neste sentido o afeto é a porosidade, a abertura que permitiria a alteridade, a presença do outro no discurso do mesmo. A escrita epistolar machadiana representa o seu desejo ou a sua disponibilidade para ouvir, embora ainda chegue ao diferente de si pela própria repetição e acabe voltando sobre si mesmo.

Convém lembrar, aqui, que os autores românticos do século XIX entendiam a identidade como similaridade e não como diferença; qualquer abertura, portanto, que favorecesse um vislumbre de alteridade estaria representando mudança, mesmo incipiente, no conceito de identidade. Observamos pela correspondência que, no círculo afetivo machadiano, a similaridade ainda é a pedra de toque – daí a formação dos vínculos dos missivistas, das confrarias, dos pares.

O relato autobiográfico presente no discurso epistolar não é aqui tomado como garantia de verdade. Não é por serem cartas que nos dizem “a verdade”, mas sim, “verdades” relatadas por um “missivista-narrador”.

5 A performance missivista

Para compreender a “performance missivista” de Machado, é preciso associá-la ao narrador machadiano. Com sua “pena da galhofa”, atualiza nos Oitocentos uma tradição do *humour* presente em *Tristram Shandy*⁹, de Laurence Sterne. Ceticismo e galhofa funcionam como um ácido que vai corroendo pelas bases a dinâmica dos jogos sociais, a sacralidade dos estatutos, as regras sociais de conduta, as bases da razão, a legitimidade da ciência como única explicação para a verdade do homem. Suavizada pela “tinta da melancolia”, a pena deste mesmo narrador galhofeiro não recai no trágico, à medida que desliza para a obliquidade da ironia, quando o choro da tragédia se transforma não em chalaça, mas em *riktus* de canto de boca, ora amargo, ora bem-humorado, conforme declarado no conto “Teoria do Medalhão”. Ler a produção de Machado é também um estímulo para o leitor aprender a reconhecer as regras do jogo discursivo, as machadadas do velho Assis.

Dizemos ainda que o *humour* machadiano imprime uma leveza no seu sarcasmo; e a sua composição – pena/tinta, galhofa/melancolia –, ao mesmo tempo em que instala reticências entre seus pontos finais, intervalos nas descrições, pausas nos diálogos, inscreve os silêncios na tessitura dos relatos.

A maestria desse bordado intercalando presença-ausência traz a assinatura do próprio Machado na sua máscara de narrador – melhor dizendo, nas fendas de suas máscaras, em que se pode entrever aquele que, durante a narrativa, disfarça a voz ao refletir sobre o próprio ato de narrar. É possível compreender as cartas, também, como esforço de se corresponder com o outro e preservar o lugar que determinou a si:

Trecho 15

Por aqui não há nada que importe dizer para tão longe. Trabalhos parlamentares, expedição de Canudos /.../ Literariamente estamos com a Academia, que ainda não inaugurou por falta de lugar, mas estamos a ver se podemos estabelecê-la provisoriamente no Pedagogium¹⁰. Logo depois, há esperança de alcançar alguma coisa no Congresso; há, pelo menos, promessa de um deputado¹¹ que oferece alcançar o acordo de amigos. Os tempos não são bons; trata-se de cortes e economias nos orçamentos, mas será tão pouco o necessário à vida da Academia que alguma coisa se tentasse.

⁹ Nove volumes escritos em 10 anos, 1759-1769.

¹⁰ Sala cedida por Manoel Bomfim, para inauguração da ABL, a pedido do próprio Machado.

¹¹ O deputado a que Machado se refere é o também poeta Eduardo Ramos.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (29.V.1897)

Nestes trechos, pode-se observar que o ano desta carta e da inauguração da ABL é também o ano da Guerra de Canudos (1896-1897) no sertão baiano, evento histórico de Antônio Conselheiro e narrado detalhadamente por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Aqui há somente uma pequena menção a respeito, como simples listagem de eventos. É uma carta que se refere a alianças políticas e sociais de cargos e trabalhos, preocupada em encontrar uma sede para a Academia recém-fundada. Mesmo numa carta informativa, o tom de Machado para o jovem amigo é pedagógico.

Este é outro forte destaque na correspondência: a reiterada orientação para os jovens, seja nos momentos de desalento, angústia, melancolia existencial, perda da inspiração poética, frustração ou desventura familiar ou material, seja nos momentos de glória – publicações, promoções, viagens, casamentos.

Posso dizer, então, que a escrita epistolar em Machado apresenta, em sua maioria, um projeto literário de cunho pedagógico – o de conduzir os jovens destinatários em direção às Musas, poesia e filhas da memória. Ao estimulá-los, ao ser generoso no compartilhar experiências, vai constituindo e repassando a arte do ofício e a de viver e transitar bem na elite intelectual. Essa orientação reforça o *cuidado de si*, apoiando-se nas *forças curadoras da poesia*.

Ao reforçar a estima do destinatário, elogiando a sua condição de autor, o missivista o realoca em posição especial; ao mesmo tempo deixa o destinatário à vontade para se colocar da mesma forma e emitir comentários sobre a produção literária um do outro; vale lembrar que estes seus leitores de cartas serão sempre autores de cartas e livros, já que Machado se corresponde com a sociedade letrada em que está inserido.

A correspondência, embora seja um texto por definição destinado a outro, também permite o exercício pessoal. A carta que é enviada para ajudar ou aconselhar seu correspondente constitui para aquele que escreve uma espécie de treino, desempenha o papel de um princípio de reativação: conselhos dados ao outro são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante. Mas a carta é alguma coisa a mais que um adestramento de si mesmo pela escrita: ela torna o escritor presente para aquele a quem envia. Nas palavras de Michel Foucault (1969), escrever é se

mostrar, se expor. De maneira que a carta, que trabalha para a subjetivação do discurso, constitui ao mesmo tempo uma objetivação da alma. (Klinger, 2007) Tomemos alguns exemplos:

Trecho 16

Mal tenho tempo de agradecer-te muito do coração o belo artigo que escreveste /.../, a propósito das Americanas. Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre as minhas jóias literárias. Vai por este vapor um exemplar da Helena, romance que publiquei no Globo/.../ Escrevo esta carta, à hora de sair da Secretaria...

Carta de Machado a Salvador de Mendonça (13.XI.1876)

Trecho 17

/.../com as minhas saudações, [despeço-me] e mande-me em troca alguns versos se os houve e, se não, a sua boa pessoa epistolar, que é a própria pessoa do autor. Adeus...

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (11.1.1880)

O próximo trecho transcrito mostra que o Amigo acadêmico tinha noção plena da acidez machadiana na escrita dos seus romances, da sua relação ambígua com o leitor, ora incensando, ora atacando, como abelha – entre o mel e a ferroada:

Trecho 18

Mas vamos a coisas melhores e falemos do seu Dom Casmurro. Ansiava tê-lo, e li-o no mesmo dia em que o me entregaram, com a tão afetuosa dedicatória sua. Já lhe disse na minha carta anterior que o seu estilo – caso raríssimo em qualquer literatura – tem o privilégio da juventude perpétua; e tanto mais admirável é isso, quanto menos juvenil é a filosofia que ela interpreta. Quero dizer que aliar juventude ao entusiasmo é relativamente fácil; são duas qualidades irmãs. /.../ Vemos, pois, a sua pena que corre ágil, airosa, vigorosa, segura, não por planos caminhos floridos, mas por ásperos e pedregosos atalhos, onde viçam rosas /.../ e onde as abelhas nos fazem pagar o seu mel/.../com ferroadas dolorosas. (grifos nossos)

Carta Magalhães de Azeredo a Machado ¹² (10.V.1800)

Trecho 19

Começamos a ler aqui a Ilustre Casa de Ramires, que promete ser um (academicamente falando) novo florão para o nosso Eça de Queirós. A arte com que está posta, desenhada e pintada a principal

¹² Nesta época Magalhães de Azeredo estava em Roma, de onde veio a carta, como alto representante da Legação do Brasil junto à Santa Sé.

figura é realmente admirável, e não é preciso falar particularmente da língua e do estilo, que fazem parte deste.

Carta de Magalhães de Azeredo a Machado¹³ (10.I.1896)

Vale observar, a seguir, que a crítica segue modelo impressionista, plena de adjetivações e juízos de valor. O efeito das palavras parece importar mais do que a análise imparcial da obra mencionada.

Trecho 20

O livro simpático e excelente que Afonso Celso¹⁴ acaba de publicar é verdadeiramente uma boa obra, uma obra de virtude e de talento. Não se trata de uma declamação retórica, inspirada por um patriotismo de pacotilha; é um livro sensato, lúcido, documentado, que merece o aplauso dos melhores.

Carta de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis (20.III.1901)

Neste trecho, Machado elogia fortemente o texto jurídico de Ruy Barbosa, e agradece por tê-lo citado e enaltecido.

Trecho 21

Li, com a pausa necessária a tão largo, numeroso e profundo trabalho, a Réplica de V. Ex^a às defesas de relação do Código Civil, a qual agradeço o exemplar que me mandou. Que, mais de uma vez, fique o meu nome entre os que V. Ex^a escolheu como dignos de citação, é já de si grande honra, mas V. Ex^a a fez ainda maior com as palavras generosas que lhe acrescentou a meu respeito. Assim que, ambas as razões, a de admiração e a de gratidão, me levam a guardar este livro entre os que mais prezo, *para estudo de nossa língua e animação a mim próprio*. (grifos nossos)

Carta de Machado a Rui Barbosa (9.XI.1903)

Além do ofício de escritor, Machado exercia funções administrativas e mesmo jurídicas. A recorrência com que afirmava, nas cartas, o acúmulo de trabalho administrativo no mesmo momento em que estava escrevendo algum romance, dá uma dimensão do dilema. A reiteração nos leva a entender que, mais do que no trabalho em si, a ênfase é no procedimento ‘heroico’ de sobreviver a este excesso e conseguir realizar,

¹³ Nesta mesma carta, Azeredo relata a Machado que tinha sido reintegrado ao posto na Legação da Santa Sé em Roma.

¹⁴ Refere-se ao livro do Conde Afonso Celso (1860-1938), Visconde de Ouro Preto, *Por que me ufano do meu país – right or wrong, my country*, reeditado pela Expressão e Cultura em 1997.

apesar da idade, a dupla vertente: a função administrativa e o ofício de escritor. Seu relato na correspondência é uma lamentação e, mais uma vez, alude à imagem que vai construindo no círculo seleto em que transita.

Trecho 22

...mas pode imaginar o serviço que tenho a meu cargo, já em casa, já na Secretaria, donde o Ministro, eu e os demais auxiliares de Gabinete saímos regularmente às seis e meia e sete horas da tarde. Para um homem franzino e avançado em anos, a tarefa não é pequena, posto que vou dando conta dela como posso.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (12.III.1899)

Trecho 23

Agora não sei quando poderei escrever outro [livro]; o trabalho administrativo, especial e dobrado que trago sobre mim veda empreendê-lo. Por outro lado, é preciso ir contando os anos, e cumprindo as advertências da natureza, que é pessoa despótica.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (28.VII.1899)

No trecho da carta a seguir Machado, ainda com relação ao trabalho, mostra-se ressentido com a Reforma que ocorre na Secretaria da Viação, mudança formal a qual atinge diretamente seu posto e incumbências e lhe soa mais como uma preterição disfarçada em função da sua idade e fragilidade física; por ordens superiores, suas responsabilidades passariam a ser “suavizadas”, sem, no entanto, que a medida interferisse no seu salário. Sabemos, porém, que para Machado essa questão não se esgotava na dimensão estritamente material. Narrar o seu ressentimento/mágoa/injustiça expressava o quanto permeáveis e transitórias ainda eram as *lealdades* que sempre buscara tecer no interior de uma sociedade marcadamente escravocrata, na qual aos critérios de nascimento e da propriedade da terra acresceu-se o critério da cor para demarcar posições e resguardar privilégios. Mas Machado, na correspondência, tratava de, ao mesmo tempo, expor e disfarçar sua indignação, envolvendo-se estrategicamente em uma espécie de imunidade diplomática.

Trecho 24

Pelo que me toca pessoal e administrativamente, agradeço-lhe as palavras de simpatia que me mandou acerca do resultado da última reforma na Secretaria e da posição em que fiquei. Ouso

crer que não houve justiça, mas as injustiças, meu querido amigo, se não forem donde seriam? Consola-me refletindo que podia ser pior, e escapar ao pior dos males já é meia felicidade. Contar-lhe a minha vida administrativa seria, além de lhe tomar tempo, tomá-lo às letras, que por si mesmas não dão desgostos e muita vez os fazem esquecer ou minorar.”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (10.V.1898)

Machado de Assis dedicou 35 anos da sua vida como servidor público, os quais abrangeram o Império (1867 a 1889) e a República (1889 a 1908). Em 1873, tornou-se funcionário do Ministério da Agricultura e a partir de meados de 1876, passou a chefiar a seção deste Ministério, encarregado de estudar e acompanhar a aplicação da Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871. Em 1888, é sagrado pelo Imperador, Oficial da Ordem da Rosa e, em 30 de março de 1889, Machado é promovido a diretor da Diretoria do Comércio, na Secretaria da Agricultura. No início da Primeira República, a 3 de dezembro de 1892, a Reforma transformou a antiga Secretaria da Agricultura em Secretaria da Indústria, Viação e Obras Públicas, e Machado passou a Diretor-Geral da Viação.

Cinco anos depois houve nova Reforma no citado Ministério: as Diretorias Gerais de Viação e Obras Públicas foram reunidas em uma só em novembro de 1897; foi quando o governo, considerando que o lugar deveria ser ocupado por um técnico, resolveu colocar em disponibilidade o Diretor-geral Machado de Assis. Em 1902, sob a presidência de Rodrigues Alves, retorna à atividade como diretor da Secretaria da Indústria, no Ministério da Viação; um mês depois, Machado de Assis é nomeado novamente Diretor-Geral de Contabilidade do Ministério da Viação, em ato datado de 18 de novembro, cargo que ocupou até morrer.

A demissão anunciada no trecho da carta, o modo como é colocada para o amigo Magalhães de Azeredo traz à cena um dos pontos mais importantes dessa atividade epistolar consagrada a si mesmo: ao contrário do que possa parecer, não constitui um exercício de solidão, mas uma prática social na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com os outros. E com isso podemos achar a resposta a um dos questionamentos aqui levantados: é um procedimento que forma comunidades e pode tomar formas institucionalizadas, como sugere o fato de, por exemplo, Machado ter fundado a Academia Brasileira de Letras, no ano de 1897.

São grupos com aparência individual, mas que se fortalecem e apoiam mutuamente, inclusive em âmbitos morais, políticos e sociais, consolidando ideias, angariando posições, cargos e trabalhos.

Trecho 25

Agradeço-te enviares a recomendação que de mim fizeste ao Affonso [Celso]. Achei-o nas melhores disposições ao meu respeito, e segundo me afirmou ainda ontem, estarei empregado até jamais com um bom emprego. Disse-me o que devia haver...uma vaga do 2º oficial da Secretaria do Império e eu apelo/.../ Falei-lhe na de 1º. Oficial na Agricultura. Qualquer um destes, ou outro/... Adeus, meu Quintino.

Carta de Machado a Quintino Bocaiúva (29.X.1866)

6 Considerações finais

Com toda essa composição da pesquisa, com os resultados atualizados, vale repensar os efeitos de sentido da palavra epistolar e a imagem autoconstruída nesta correspondência, produzida ao longo dos onze anos em que Machado esteve na presidência da Academia Brasileira de Letras, Instituição que ajudou a fundar. É uma correspondência que demanda leitura dos procedimentos discursivos, da habilidade retórica, que conta com os elementos extratextuais para intensificar os efeitos dos relatos.

A presente leitura das cartas, ao invés de meramente confirmar expectativas prévias, voltou-se para produzir sentidos a partir dos jogos discursivos do narrador e do missivista com seus destinatários; ou seja, propôs-se a virar a leitura pelo avesso, trabalhar com o material ‘em presença’ para, ao menos, tangenciar à palavra ‘em ausência’. Assim foi possível considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – não o que em princípio estava fora delas, mas a própria configuração material que se dispunha na superfície textual; ou seja, os elementos constituintes dos manuscritos, sua materialidade, suporte e veículo, bem como os reiterados conteúdos: ênfase no corpo doente, na afetividade, no trabalho burocrático paralelo ao ofício do escritor, nas chancelas políticas e no aconselhamento tantas vezes catártico:

Trecho 26

Quero dar-lhe ainda um outro conselho; é jus dos velhos, - ou dos mais velhos, se me permite esta vanglória. Não duvide de si. Receio muito que este sentimento lhe ate as asas. Há de sempre haver quem duvide do seu talento; deixe essa tarefa a quem pertence par droit de naissance. O seu direito e dever é crer nele e mostrá-lo. Não descreia das musas; elas fazem mal às vezes, são caprichosas, são esquivas, mas entregam-se nas horas de paixão, e nessas horas os minutos valem por dias.

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (14.I.1894)

Diferentemente das cartas que partilham desabafos das doenças físicas e males da alma, bem como daquelas que discutem poesias – que visam consolidar a rede de sociabilidades –, partilhei também os trechos das cartas que dizem respeito a trabalho como servidor e esperam interferir no mundo objetivo, em termos de favorecimento próprio. Ambas as vertentes da correspondência examinada são alianças diversas que, à maneira da fita de Moebius, se entrelaçam até o infinito.

Quase toda essa correspondência representa um contar sem objeto. O ato de narrar com fins intransitivos e não como forma de interferir no ‘real’ (BARTHES, 1988) é uma percepção de certa forma surpreendente porque contraria a expectativa usual na qual sempre se conta “algo” para “alguém” com “determinados objetivos”. E, ao escrever para o outro algo que ele já sabe e este, por sua vez, responder o igualmente previsto, o importante deixa de ser a mensagem do texto escrito para ser a mensagem do gesto de escrever. Assim sendo, as relações são ativadas pelo contato epistolar e pelo status social ou literário que se agrega ao par emissor-destinatário. O fato de não importar o objeto faz com que nos voltemos naturalmente para o próprio emissor, como se ali, então, estivesse a origem e a explicação daquela ausência.

O fato é que, quando o missivista famoso se assumia um cronista de ocorrências já sabidas ou um interlocutor atento que retornava os desabafos ouvidos na mesma medida, ainda assim preservava a respeitabilidade, a qual funcionava como uma garantia de verdade da mensagem veiculada; ou seja, a posição social, a *performance* de mestre e “aconselhador” justificavam todos os ecos e o *déjà vu* presentes na sua correspondência. Assim, se poucas eram as novidades explicitadas, a consistência da palavra constituía-se *pari passu* à constituição do leitor/destinatário e em função do valor atribuído à conduta do escritor Machado de Assis e seus pares, na sociedade letrada dos oitocentos.

Assim configurava-se a rede de sociabilidades do século XIX por um de seus mais fortes canais: a correspondência.

TRABALHOS CITADOS

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. V.1,2, 3.

BARTHES, R. *O rumor da língua*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

COSTA, Othon. Machado de Assis, Epilético. *Gazeta Policial*, 31 jul 1937.

FOUCAULT|, Michel. A cultura de si. In: _____. *História da sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT|, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor? Qu'est que c'est un auteur?* Bulletin de la Société Française de Philosophie, 63e. Année, n. 3, jul-sep.1969.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nadia Batella. (Orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora. Um estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de Prólogo. In: _____. (Org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Quem é Machado de Assis. 150 anos após publicar seu primeiro romance.(25/05/2022)

Disponível em: <https://quatrocinco.fofha.uol.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/quem-e-machado-de-assis>

KLINGER, Diana Irene. A escrita de si – o retorno do autor. In: _____. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

PEIXOTO, Afranio Peixoto. *Medicina Legal*. Biblioteca do Petit Trianon.

PHOCION SERPA, H. Codet. *Psychiatrie*. Biblioteca do Petit Trianon.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, Modos de Adoecer*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

RIBAS. M.C.C. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: 7Letras; Puc-Rio, 2008.

WERNECK, Maria Helena. Cadernos não-publicados: o biográfico segundo uma poética do indicial. In: _____. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

Fontes primárias:

Arquivo Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Correspondência ativa e passiva pessoal de Machado de Assis.

Acervo do Petit Trianon

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS é Doutora em Teoria Literária, UFRJ, Procientista UERJ/Faperj, Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 pelo CNPq e Professora Associada em Letras, UERJ, em Teoria Literária, Literatura Comparada, Literatura Brasileira e Intermidialidades, área em que concluiu o Pós-Doutoramento pela UFF em 2018. Coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ, coordena o Acordo Internacional da UERJ com a Univ.da Georgia, em Athens, E.U.A. Orientadora de Mestrado, Doutorado, pós-Doutorado e Iniciação Científica; publicou os livros *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*, *Leituras na contemporaneidade: Olhares em Trânsito*, com Paulo Oliveira; organizou e-book *Interconexões: mídias, saberes e linguagens* (Abralic) e atualmente está organizando o vol.3 da coleção PPLIN Presente sobre Literatura e Intermidialidade; é autora de vários capítulos e artigos, dentre eles: “Narrativas transculturais e intermediáticas: *Fingersmith*, de Sarah Waters e *A Criada*, de Park Chan-Wook. In: *Circulações Transculturais: Territórios, representações, imaginários*: José Luís Jobim; Maria Elizabeth Chaves e Melo; Eden Viana-Martin; Nadine Laport. (Orgs.); Nuances do pictural: a aquarela machadiana em Missa do galo, em *Janelas para o outro*, org, Maria Elizabeth Chaves de Mello; *Re-reading Literature in Contemporary Cinema*: Intermediality in Machado de Assis’ Story “Father Against Mother” (1906) and Sergio Bianchi’s film How much is it worth or is it per kilo? In: *(Re)writing without borders: contemporary intermedial perspectives on literature and the visual arts*, org. Brigitte le Juez, da Universidade de Dublin.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5649309114787011>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2289-4004>

Artigo recebido 22/06/2022.

Aprovado 24/06/2022.